



O ENVOLVIMENTO DOS EUA NO SUDESTE ASIÁTICO (II)

Antonio Sergio Geromel

Após apresentar, em nossa edição novembro/dezembro-87, como moldura, a colonização francesa da Indochina – a Guerra da Indochina e o período que a sucedeu –, o autor examina, desta feita, a Guerra do Vietnã nos períodos dos governos que se sucederam, nos Estados Unidos, entre 1961 e 1972.

A GUERRA DO VIETNÃ: GOVERNO KENNEDY – JOHNSON (1961-1964)

A gestão de John F. Kennedy à frente do governo americano, iniciada em 1961, foi caracterizada por uma política indecisa quanto ao Vietnã. Ao mesmo tempo que preconizava, em seus discursos, a necessidade de firmeza no combate ao comunismo, adotou uma atitude ambígua para o sudeste asiático, oscilando entre aumentar os assessores militares na região ou retirá-los definitivamente.

Na realidade, da mesma forma que Kennedy entrou para a História por ter assinado com Khruchtchev um tratado de banimento dos testes nucleares na atmosfera terrestre, também o fez como o presidente que iniciou o envolvimento dos EUA numa guerra no Vietnã.

Como já vimos, foi Truman, presidente dos EUA de 1945 a 1952, quem iniciou a assistência militar ao Vietnã, e Eisenhower, que o sucedeu de 1953 a 1960, o responsável pela intensificação da ajuda, garantindo ao governo de Saigon a defesa contra qualquer agressão. Kennedy, o presidente seguinte, deu início ao envolvimento direto de tro-

pas e acusou Eisenhower de não o ter prevenido sobre a real situação da infiltração comunista no Vietnã do Sul.

Logo após sua posse, Kennedy aprovou um plano de contra-insurreição para o Vietnã do Sul, tendo os assessores militares americanos recebido permissão para acompanhar as unidades sul-vietnamitas em missões de combate. As Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, que já estavam no Vietnã do Sul desde 1957 em missões de treinamento e instrução do Exército sul-vietnamita, tiveram seu papel ampliado para planejamento, condução e apoio das operações de guerra não-convencional (por sugestão de Kennedy essa tropa de elite passaria a utilizar, oficialmente, a partir de dezembro de 1961, a boina verde, símbolo que a tornaria mundialmente conhecida). Também foram autorizados a operar no Vietnã helicópteros e pilotos americanos, com a missão de transportar tropas sul-vietnamitas para as zonas de combate (os primeiros trezentos pilotos enviados por Kennedy constituíram o início do envolvimento direto das tropas americanas no Vietnã).

Em fevereiro de 1961, a Frente de Libertação Nacional criou o exército guerrilheiro Vietcongue, seu braço armado, e a partir daí, efetivamente, começou a luta pela reunificação do Vietnã sob a tutela comunista. Essa reunificação, de acordo com a Declaração Final da Conferência de Genebra, estava

prevista para ser realizada em 1956, através de eleições gerais nos dois Vietnãs, que, no entanto, jamais se concretizaram.

Ainda no início do mandato de Kennedy, a perseguição religiosa movida contra os budistas pelo corrupto governo católico de Diem acabou culminando com a auto-imolação de monges em praça pública, como forma de protesto. Esse fato, de ampla repercussão mundial, fez com que o Vietnã desabasse sobre a opinião pública norte-americana, emergindo a impopularidade do apoio de Washington a Diem.

Kennedy sabia que o apoio ao Vietnã era inevitável diante da ameaça comunista, o que lhe faltava era a decisão sobre a natureza de tal apoio, se político ou puramente militar. Entretanto, com o aumento expressivo de assessores militares que patrocinou, praticamente definiu o Vietnã como problema militar, fato desconfortável para a CIA, que viu as decisões começarem a escapar de sua esfera. Por seu lado, os militares, em atividades definidas como de contra-insurreição, sustentavam que "conquistar corações e mentes" não era tarefa deles.

À semelhança da Malásia, vitoriosa sobre os comunistas com o auxílio dos britânicos alguns anos antes, tentou-se no Vietnã, sob a supervisão da CIA, o estabelecimento de "aldeias estratégicas", povoados leais ao governo que iriam, pouco a pouco, aumentando de número, até o total controle da população.

Por equívocos na sua aplicação, o projeto não obteve sucesso.

O aumento de assessores militares no Vietnã, na gestão de Kennedy, elevou seu número para 15.000. Sobre o envio dessas tropas e o seu envolvimento direto, Henry Kissinger relata em suas memórias: "Lembro-me de quando Kennedy mandou aquela primeira leva, eu ter perguntado a Walt Rostow, então diretor da equipe de planejamento político do Departamento de Estado, que razões tinha para achar que seria bem-sucedido com apenas aquele número de combatentes, quando os franceses haviam fracassado com várias centenas de milhares. Os franceses – explicou-me como se estivesse recitando a cartilha do abecê para um analfabeto – não entendiam nada de guerra de guerrilhas; faltava-lhes a mobilidade das forças americanas".¹

É oportuno lembrar agora a situação de outros países do sudeste asiático, quanto à infiltração comunista, naquele início de década. Era a época da "Teoria do Dominô", mencionada pela primeira vez por Eisenhower, segundo a qual o regime comunista de um país (no caso o Vietnã do Norte) se alastraria facilmente para os países limítrofes, como as peças do jogo. O Vietnã do Sul, inicialmente, não preocupava tanto os americanos quanto o Laos e a Tailândia, mais diretamente ameaçados pelos comunistas.

O Laos (Fig. 5-1), declarado neutro e desmilitarizado pela

Conferência de Genebra, em 1954, contava com a ameaça permanente do Pathet Lao (Laos Livre), organização esquerdista fundada em 1950 (já citada no capítulo que menciona a sua ajuda ao Vietminh contra os franceses). Na verdade, essa organização tinha sob o seu domínio todo o norte do país e a CIA passou a sustentar governos laocianos, com interesse em estabelecer regimes abertamente anticomunistas, bem como passou também a armar e treinar os meos, tribos montanhas hostis aos comunistas (que inclusive já haviam lutado ao lado dos franceses). Só com o crescente envolvimento americano no Vietnã é que o Laos passou a ser considerado como apêndice de uma guerra maior.

Na Tailândia (Fig. 5-2) a ameaça comunista materializou-se em 1960, através de um levante promovido pelo PCT (Partido Comunista Tailandês), mas devido à falta de unidade dos comunistas (com facções apoiadas pelos chineses, pelos norte-vietnamitas e pelo Pathet Lao) o movimento fracassou. A partir de 1962, entretanto, com o aumento da influência do Pathet Lao no norte do Laos, Kennedy enviou 5.000 fuzileiros navais ao norte da Tailândia, temendo uma invasão dos comunistas. A partir daí, a presença americana passou a crescer naquele país e, no final da década de 60, haveria 50.000 soldados americanos na Tailândia.

Em 1963 a situação do Vietnã do Sul estava caótica e

Kennedy cometeu um grave erro na tentativa de melhorar a situação: deu seu apoio tácito a um golpe de generais para a derrubada de Diem, que, inclusive, acabou sendo assassinado no episódio. Com isso, os americanos viram-se mais estranhos ainda naquele país, comprometidos moralmente e na embarçosa posição de apoiadores dos governos instáveis e antipopulares que passaram a se suceder, em meio a um caos político.

Sobre a deposição de Diem, o CMG (FN) João Alfredo Poeck, da Marinha Brasileira, diz com muita propriedade: "Em nossa opinião, foi esse o grande erro em política externa, no sudeste asiático, uma dúvida iniciativa que instilou fortes receios na sensível opinião pública dos EUA, o que geralmente traz resultados negativos naquela sociedade aberta. Eis a questão: sair significava violar a diretriz assumida, ficar significava encarar-se cada vez mais na politicamente interna de Saigon, ambas soluções inaceitáveis para influentes grupos políticos nos EUA. Começou aí o infortúnio da rejeição desta guerra dos EUA, e o impasse psicológico se instala".²

Um mês após o golpe de Estado, Kennedy foi assassinado em Dallas, Texas (22 de novembro de 1963) e as tentativas da Frente de Libertação Nacional de negociar a paz com o General Duong Van Minh, chefe do triunvirato militar estabelecido, acabaram não dando certo. Uma das razões do fracasso das ne-

gociações foi o endurecimento da linha política adotada por Lyndon B. Johnson, vice-presidente de Kennedy e novo presidente americano.

Um dos últimos atos assinados por Kennedy regulava a diminuição dos assessores militares no Vietnã, não sendo cumprido por Johnson, que ao contrário, aumentou substancialmente os efetivos militares dos EUA no sudeste asiático.

O Vietnã passaria a ser encarado como uma batalha decisiva contra o comunismo. Johnson já deixara patente a sua concepção sobre o Vietnã, quando em maio de 1961, como vice-presidente, visitara aquele país: "A decisão básica com relação ao futuro do sudeste asiático será tomada aqui. Devemos decidir entre ajudar esses países da melhor maneira que pudermos ou desistir de vez, retirando nossas tropas para São Francisco e nos resignando a transformar nosso país numa fortaleza".³

Em março de 1964, Robert Mc Namara, secretário de defesa dos EUA, recomendou a intensificação da guerra, após uma visita ao Vietnã. Pouco depois, Johnson autorizou atividades clandestinas contra o Vietnã do Norte, tais como vôos de reconhecimento por aviões U-2 e infiltração de grupos de sabotagem.

No mesmo ano, Giap decidiu que era hora de passar à fase 3, a guerra móvel, encerrando a fase de guerrilhas, que daí por diante passariam a ser apenas

um complemento à guerra convencional. Unidades do Exército norte-vietnamita passaram a descer pela Trilha de Ho Chi Minh (emaranhado de caminhos e estradas construídos pelos norte-vietnamitas, ligando o Vietnã do Norte ao Vietnã do Sul, através do Laos e do Camboja) (Fig. 5-3), fustigando o inimigo ainda desorganizado. As já vastas áreas do sul sob controle comunista foram então ampliadas e Johnson viu-se diante do dilema de aceitar a derrota ou aumentar os efetivos.

"O uso do Laos como rota de abastecimento foi, de certa forma, consequência dos acordos de Genebra em 1954. Embora imprecisos e vagos sobre muitos pontos-chave, os acordos eram claros ao definir como violação qualquer travessia pelos norte-vietnamitas da Zona Desmilitarizada, no paralelo 17. Para levar pessoal e suprimentos ao sul, por terra, restava a Hanói a alternativa de contornar a Zona Desmilitarizada, através do Laos. Quando, em 1962, foram firmados acordos sobre o Laos, prevendo que todos os signatários, inclusive o Vietnã do Norte, respeitassem a neutralidade do país, Hanói preferiu ignorá-los. Estava construindo sua trilha desde 1959".⁴

Ainda em 1964 o Vietnã do Sul passou a fazer ataques de surpresa ao longo da costa do Vietnã do Norte, com a cobertura da Marinha americana, que patrulhava o estratégico Golfo de Tonquim. Ali, em 4 de agosto, aconteceu o incidente, ainda

hoje não esclarecido, que mudou (ou apressou) os rumos da guerra: supostos ataques de patrulhas navais comunistas a navios americanos em águas internacionais tiveram como consequência o imediato início das missões de bombardeio aéreo do Vietnã do Norte, como medida de retaliação.

O ataque norte-vietnamita nunca foi confirmado e o que realmente ocorreu dificilmente será esclarecido, mas o certo é que dias antes tinha havido uma escaramuça real entre lanchas torpedeiras norte-vietnamitas e navios americanos, motivo, inclusive, de uma advertência de Washington a Hanói. Na noite de 4 de agosto a tripulação dos contratorpedeiros *Maddox* e *Turney Joy* estava tensa pelo incidente anterior e esse fato aliado à perturbação meteorológica pode ter ocasionado a interpretação das silhuetas de barcos inimigos nos radares, iniciando-se o canhoneio. Na realidade, pilotos americanos baseados no porta-aviões *Ticonderoga*, chamados de imediato em auxílio aos navios atacados, testemunharam não ter visto nenhum barco norte-vietnamita no local.

Em 7 de agosto, Johnson conseguiu do Congresso uma resolução que lhe deu autoridade para "tomar todas as medidas necessárias, inclusive o uso de força armada, para ajudar qualquer membro ou Estado participante do protocolo do Tratado do Sudeste Asiático (...)."⁵

A chamada Resolução do Golfo de Tonquim foi o substitutivo perfeito para a declaração de guerra nunca efetuada e deu

início à extraordinária escalada militar americana, que atingiu o ápice após a eleição de Johnson.



LAOS (236.800km²)

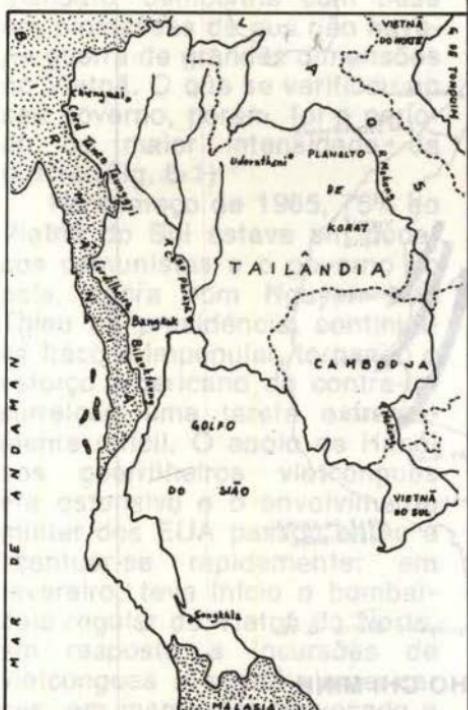
O país possui um relevo essencialmente montanhoso, particularmente ao norte, que é também coberto por densas florestas. As planícies concentram-se ao longo do vale do Mekong, principal rio do país, que forma a fronteira com a Tailândia. A economia é basicamente agrícola, destacando-se o arroz, base da alimentação local. O subsolo é rico em estanho, principal produto de exportação. Um dos graves problemas do país é a falta de acesso ao mar, o que o torna dependente dos países vizinhos. As principais cidades são Vientiane (capital), Savannakhet, Pakse e Luang Prabang. Aproximadamente metade da população é de laos, povo oriundo da China, que veio para o sul no século XII. A religião dominante é o budismo.

Figura 5-1

A GUERRA DO VIETNAM GOVERNO JOHNSON (1965-1968)

Johnson foi confrontado na sua administração com a intensificação das ações dos EUA pelo presidente Lyndon B. Johnson em 1964, complicando

de 1964 a 1968, a estratégia de Johnson tendia ser definida da seguinte forma: "Conter o inimigo, garantir o Sul, ajudar a construir um país, bombardear alvos nacionais e guerra contra todos os inimigos credíveis.



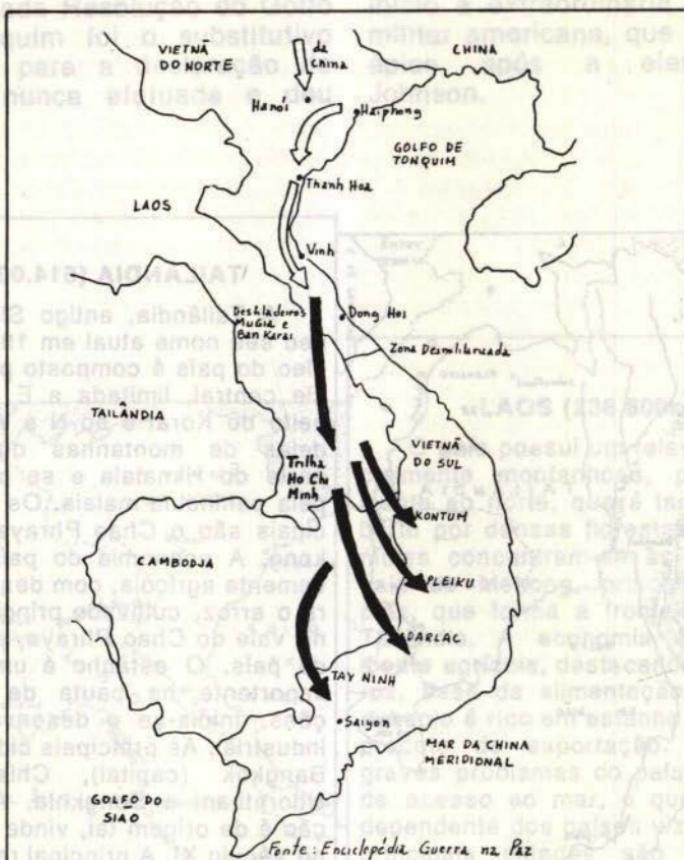
TAILÂNDIA (514.000km^2)

A Tailândia, antigo Sião, recebeu seu nome atual em 1939. O núcleo do país é composto pela planície central, limitada a E pelo Planalto de Korat e ao N e W por cadeias de montanhas que fazem parte do Himalaia e se prolongam pela península malaia. Os rios principais são o Chao Phraya e o Mekong. A economia do país é basicamente agrícola, com destaque para o arroz, cultivado principalmente no vale do Chao Phraya, parte vital do país. O estanho é um produto importante na pauta de exportações. Inicia-se o desenvolvimento industrial. As principais cidades são Bangkok (capital), Chiang Mai, Udornthani e Songkhla. A população é de origem tai, vinda da China no século XI. A principal religião é o budismo.

Figura 5-2

A chamada Revolução do Golfo, iniciada na fronteira escavada de Tonquim, foi o ponto de partida da estratégia americana, que atingiu o perfeito para a vitória dos Estados Unidos.

Guerra húngara em 1956, que levou à eleição do



TRILHA DE HO CHI MINH

Essa rota de abastecimento de 1.600km, iniciada pelos norte-vietnamitas em 1959, estendia-se da fronteira com a China ou das docas de Haiphong, até as áreas dominadas pelos comunistas, nas imediações de Saigon. Ela foi paulatinamente sendo aperfeiçoadas e ao final da guerra, em 1975, dispunha, inclusiva, de um oleoduto.

Apesar de cortar uma das regiões mais inóspitas do mundo e apesar, ainda, dos ataques, incursões e bombardeios, ela jamais deixou de ser utilizada durante a guerra, constituindo-se numa incrível façanha que foi fator decisivo para a vitória dos comunistas.

Figura 5-3

A GUERRA DO VIETNÃ: GOVERNO JOHNSON (1965-1968)

Johnson foi confirmado na presidência dos EUA pelas eleições de 1964, continuando o mandato democrata com base em promessas de que não haveria guerra de grandes dimensões no Vietnã. O que se verificou no seu governo, porém, foi o período de maior intensidade da guerra (Fig. 6-1).

No começo de 1965, 75% do Vietnã do Sul estava em poder dos comunistas e o governo do país, agora com Nguyen Van Thieu na presidência, continuava fraco e impopular, tornando o esforço americano de contra-insurreição uma tarefa extremamente difícil. O apoio de Hanói aos guerrilheiros vietcongues era ostensivo e o envolvimento militar dos EUA passou então a acentuar-se rapidamente: em fevereiro, teve início o bombardeio regular do Vietnã do Norte, em resposta a incursões de vietcongues a quartéis americanos; em março, foi convocado o primeiro destacamento de marines, inicialmente com o passivo papel de defesa das bases aéreas americanas e, não muito tempo depois, já em operações ofensivas contra o Vietnã do Norte e Vietcongue; no final de 1965 já estavam no Vietnã 184.300 americanos, com um saldo de 1.300 mortos.

Segundo o General Willian C. Westmoreland, comandante do Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã, no período

de 1964 a 1968, a estratégia de Johnson podia ser definida da seguinte forma: "Conter o inimigo, derrotá-lo no Sul, ajudar a construir um país, bombardear os alvos relacionados à guerra no Norte de maneira gradativa, até que o inimigo perceba que não pode vencer e, assim, negociará ou aceitará tacitamente o Vietnã dividido".⁶

Essa estratégia, essencialmente defensiva, deu ao inimigo toda a vantagem da iniciativa, minando o esforço militar americano.

A natureza da Guerra do Vietnã, denominada "guerra limitada", permitia que os comunistas fossem abastecidos com armas e suprimentos soviéticos pelo porto de Haiphong, sem que a Marinha americana pudesse intervir. Permitia ainda aos norte-vietnamitas a travessia do Laos e do Cambodja com tropas e suprimentos, sem que os EUA determinassem uma ação militar terrestre naqueles países. A invasão do Vietnã do Norte também era proibida. Decididamente, era uma guerra diferente para os soldados americanos, diferente mesmo da Guerra da Coréia, onde as limitações não eram tão extensas. O objetivo clássico de vencer, destruindo o inimigo, já não era válido e o que importava era trazer Ho Chi Minh à mesa de negociações, em desvantagem.

O temor da opinião pública nacional e mundial, que já rotulava a guerra de "ilegal" e "imoral", aliada à ameaça de um conflito mundial e o conseqüen-

te "holocausto nuclear", era na verdade o fator limitativo da ação militar dos Estados Unidos.

Apesar de grande parte da população americana, a chamada maioria silenciosa, ter aprovado a entrada do seu país na luta contra a agressão comunista, já na primavera de 1965 começaram a aparecer as primeiras manifestações antiguerreiras, que com o passar do tempo aumentaram de intensidade e foram agravadas por movimentos raciais, caracterizando o turbulento período do governo Johnson.

Sobre a impopularidade da guerra nos próprios Estados Unidos, Westmoreland afirmou: "À medida que a guerra se tornou controversa, o Presidente deveria ter solicitado uma confirmação formal sobre a Resolução do Golfo de Tonquim. Na realidade, a liderança do Congresso deveria tê-la exigido".

Já no campo da opinião pública mundial, os Estados Unidos conseguiram algum reforço diplomático, embora pouco representasse em termos militares, através de tropas da Coréia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas e Tailândia, que passaram a lutar no Vietnã a partir de 1965.

Quando as unidades de combate americanas chegaram ao Vietnã do Sul, estabeleceu-se que a elas caberia combater as unidades comunistas em suas áreas de domínio (notadamente rurais) em todos os cantos do país (dividido em ZMT –

Zona Militar Tática) (Fig. 6-2), através de ações de "busca e destruição", enquanto ao Exército sul-vietnamita caberia o controle das áreas urbanas e das aldeias leais ao governo, por meio de sistemas de proteção local. Entretanto, algum tempo depois, os EUA passariam a atuar em todos os setores, inclusive nas áreas densamente povoadas próximas à costa, face a ineficiência do ESV.

Lutando nas regiões mais diversas, como no intrincado de rios e canais do delta do rio Mekong, nas extensas selvas ao redor de Saigon ou nas montanhas do Planalto Central, os americanos passaram a obter expressivas vitórias, tendo como fator preponderante a mobilidade proporcionada pelo largo emprego de helicópteros.

O sistema defensivo americano ao norte era baseado em pontos fortes localizados estratégicamente nas quatro províncias setentrionais, sobressaindo-se a chamada Linha Mc Namara, próxima à Zona Desmilitarizada (Fig. 6-3). Esse sofisticado sistema de defesa, que utilizava, inclusive, sensores eletrônicos, mostrou-se eficiente, impedindo a infiltração dos comunistas por aquele setor; mas, por outro lado, a extrema vulnerabilidade das fronteiras com o Laos e o Camboja, através da Trilha Ho Chi Minh, embaçava as vitórias americanas nas ações de "busca e destruição".

Duas operações ofensivas táticas americanas, nesse período, merecem ser citadas em

particular, face a sua grande envergadura: a Cedar Falls e a Junction City.

A Operação Cedar Falls, realizada em janeiro de 1967, contou com o impressionante poderio bélico de três Divisões de Infantaria, uma Brigada Aero-transportada e um Regimento de Cavalaria. Seu objetivo foi a destruição de uma fortaleza vietcongue de 160km², localizada a apenas 25km de Saigon e conhecida por Triângulo de Ferro (Fig. 6-2). A área englobava inúmeras bases, depósitos e quartéis guerrilheiros, além de aldeias de camponeses. A ação americana, de 16 dias, transformou o local literalmente num deserto: foram utilizados desfertilizantes químicos (o "agente laranja") na eliminação das densas florestas e também escavadeiras e explosivos na destruição das inúmeras instalações subterrâneas. O número de guerrilheiros mortos atingiu 750.

O sucesso da Operação Cedar Falls acabou tendo um alto custo para os Estados Unidos, já que os sofrimentos causados aos civis (difíceis de serem diferenciados dos guerrilheiros) e divulgados amplamente pela imprensa, causaram a indignação de amplos setores da opinião pública americana. A Operação tornou-se um marco no envolvimento direto dos EUA e representou um duro golpe na política de "corações e mentes": muitos camponeses morreram e inúmeras aldeias foram destruídas, aumentando o número de simpatizantes da FLN.

O alvo da Operação Junction City, levada a efeito em fevereiro e março de 1967, foi a Zona de Guerra "C", problemática área na fronteira do Cambodja dominada pelos comunistas (Fig. 6-2), que, inclusive, já havia sido objetivo da Operação Attleboro, realizada em setembro e outubro do ano anterior. Embora tenham sido eliminados 2.700 vietconges o sucesso da Junction City, que utilizou-se largamente de ataques por pára-quedistas e bombardeamento por napalm, foi novamente apenas parcial, pois em breve o Vietcongue voltaria a dominar aquela área.

As operações ribeirinhas, realizadas pelas chamadas brigadas fluviais americanas no delta do rio Mekong, também devem ser ressaltadas. A área, que concentrava mais da metade da população do Vietnã do Sul e extensos arrozais, alimento básico do país, era alvo importante da FLN. A complexidade das operações naquela região, cortada por rios, canais e alagadiços, levou os EUA a desenvolverem embarcações especiais e inovações táticas, o que lhes assegurou o sucesso nas ações desenvolvidas.

Quanto ao bombardeamento aéreo do Vietnã do Norte, que despejou 860.000 toneladas de bombas sobre o país, pode-se afirmar que não conseguiu nenhum resultado decisivo. Isto ocorreu pelo fato de terem sido estabelecidas áreas restritivas pelos próprios EUA, como a fronteira chinesa, Hanói, Haiphong e

áreas vizinhas, onde, naturalmente, os norte-vietnamitas passaram a concentrar suas principais instalações militares e logísticas. Tal restrição deveu-se ao temor da morte de grande número de civis e a consequente onda de protestos internacionais, associada a uma possível intervenção chinesa ou soviética, como já referido. Mesmo com essas precauções, mais de 50.000 civis acabaram sendo mortos na campanha aérea, denominada Operação Rolling Thunder, aumentando a intensidade dos protestos antiguerreiros nos EUA. Somou-se ainda a esse considerável prejuízo, a perda de 938 aviões, abatidos pela moderna e eficiente defesa antiaérea norte-vietnamita, equipada com armas e mísseis soviéticos, bem como derrubados por aviões Mig, também de fabricação soviética.

A Trilha Ho Chi Minh, da mesma forma, recebeu intenso bombardeio aéreo, inclusive com o "agente laranja", o que não impediu o constante fluxo de suprimentos e combatentes durante todo o desenrolar da guerra.

A incrível obstinação dos norte-vietnamitas em reconstruir tudo que era destruído nos bombardeios também atenuou o efeito das bombas. É significativo o depoimento da jovem campesina Nguyen Thi Hang: "... Resolvemos reconstruir tudo o que fosse destruído. Em cima da terra ou embaixo da terra. De noite, fomos trabalhar no arrozal e na lavoura. De dia, tínhamos

nossas quatro tarefas: o combate, a proteção aos veículos que atravessavam a ponte (chamada Garganta do Dragão, elo do abastecimento de Hanói para a Trilha Ho Chi Minh), o abastecimento das baterias antiaéreas, o abastecimento das canhoneiras da Marinha, que do rio (Song Ma) atiravam também contra os aviões...".⁸

Resumidamente, o que se pode dizer sobre o desempenho dos EUA até o princípio de 1968, é que obtiveram considerável sucesso em suas operações militares, em que pese o aparente insucesso dos bombardeios. Seus soldados mantiveram o moral elevado e a eficiência de combate. Após a Ofensiva do Tet, que abordaremos a seguir, é que a desesperança passaria a instalar-se nas tropas americanas.

A Ofensiva do Tet começou a ser planejada em Hanói, em julho de 1967, como reação às sucessivas vitórias americanas. Ali ficou decidido, pela alta direção política de Hanói e da FLN, uma maciça ofensiva coordenada do Exército do Vietnã do Norte e do Vietcongue, nas aldeias, cidades e bases militares em todos os quadrantes do Vietnã do Sul (Fig. 6-4), com o objetivo de "atacar para negociar". A operação, que mudou os rumos da guerra, teve início em 30 de janeiro de 1968, durante os feriados budistas do Tet (Ano Novo Lunar), quando muitos soldados do ESV estavam licenciados. Os americanos foram surpreendidos, já que espera-

vam um ataque em massa apenas na base dos fuzileiros navais em Khe Sanh, na Linha Mac Namara. Os comunistas também aproveitaram a época de chuvas, dificultando o apoio aéreo americano.

O levante popular esperado pelos comunistas não aconteceu e militarmente o ataque fracassou, tendo sido mortos de um total de 84.000, mais de 30.000 atacantes em alguns dias de combate, mas o efeito psicológico sobre a opinião pública americana foi devastador, particularmente pela invasão da própria embaixada dos EUA em Saigon. Algumas técnicas de infiltração do Vietcongue naquela cidade foram curiosas: utilizaram-se de fictícios enterros, nos quais os caixões iam carregados de armas e os caminhões de flores repletos de guerrilheiros. Além disso, a natureza dos vietcongues, homens sem farda que apenas colocavam uma braçadeira vermelha durante os combates, permitiu o ataque que abalou Saigon, até então uma cidade que ainda não tinha conhecido os efeitos da guerra.

Os combates mais acirrados travaram-se em Hué e Khe Sanh, no norte do país. Hué, secular cidade imperial e terceira cidade do país, até então tacitamente admitida como neutra, presenciou os mais violentos combates a curta distância, de toda a guerra. A população civil foi extremamente castigada, com mais de 5.000 mortos, e os vietcongues e soldados norte-

vietnamitas só foram expulsos em 18 de fevereiro, não sem antes terem instalado um governo revolucionário, embora por poucos dias.

Khe Sanh sofreu um pesado cerco do ENV durante 11 semanas, levando os americanos a temerem a reedição de Dien Bien Phu. O cerco teve início em 21 de janeiro, o que, posteriormente, fez supor que seu objetivo era reter as numerosas forças americanas na área, enquanto se desencadeava a ofensiva geral. Entretanto, Westmoreland afirmou, na época, que a ofensiva geral é que era a manobra diversionária, sendo o objetivo principal Khe Sanh, onde deveria se desenrolar a batalha decisiva da guerra. De uma maneira ou de outra, o certo é que os efetivos e o aparato militar empregados foram impressionantes. Lang Vei, posto avançado das defesas de Khe Sanh (guarnecido pelos boinas verdes), entre a base e a Trilha Ho Chi Minh, foi aniquilado como o ENV, utilizando-se de carros de combate (T-34 soviéticos) pela primeira vez na guerra. O cerco dos fuzileiros navais só foi rompido em 14 de abril, depois de uma monumental operação americana (Operação Pégaso).

Convém citar também o importante "aliado" que os comunistas tinham na opinião pública americana, o que os levava, inclusive, a tentar apelos junto aos combatentes dos EUA, par-

ticularmente os negros, para que desistissem de lutar, motivados pelos movimentos pacifistas e pelos problemas raciais americanos.

A Ofensiva do Tet evidenciou os erros da estratégia norte-americana no Vietnã e ocasionou a elevação dos índices de impopularidade da guerra nos EUA, conforme já citado (Hanói estava ganhando a guerra em Washington). As consequências foram consideráveis: Johnson desiste de concorrer à reeleição e em 31 de março de 1968 anuncia a suspensão dos bombardeios acima do paralelo 19, concentrando-os no "cabo da panela" (denominação devida à configuração geográfica daquela área), o que motivou o início de conversações para futuras negociações de paz; os EUA decidem, em definitivo, não aumentar as tropas na região; Westmoreland, considerado um "falcão", é substituído pelo General Creighton Abrams, já envolvido em medidas de "vietnamização" da guerra; em 1º de novembro, Johnson concorda em suspender totalmente os bombardeios do Vietnã do Norte, embora continuasse a mandar bombardear a Trilha Ho Chi Minh.

De acordo com o relato de Henry Kissinger, assessor do presidente Richard M. Nixon, em suas memórias, a suspensão dos bombardeios fora devida às seguintes razões: "Os opositores da guerra tinham concentra-

do suas críticas nos bombardeios, em parte por causa do que custavam à nossa economia, em parte porque era algo que os EUA podiam fazer unilateralmente (ao contrário do resto da luta) e em parte, também, porque Hanói sugerira habilmente que uma cessação dos bombardeios abriria o caminho às negociações e estas deveriam levar rapidamente a um acordo".¹

A "vietnamização", ou seja, a condução da guerra exclusivamente pelo Vietnã do Sul, já vinha sendo buscada, ainda que de forma tímida. Com o desencanto da política de guerra do presidente Johnson, após a ofensiva comunista, é que as medidas visando o aumento de efetivos do ESV, bem como o seu melhor adestramento e poder de combate, passaram a ser intensificadas. A pacificação das aldeias através da reforma agrária e do desenvolvimento econômico, buscando a simpatia dos camponeses, também voltou a ser enfatizada

No final de 1968, Nixon seria eleito o novo presidente dos Estados Unidos, empenhando sua palavra em "trazer os rapazes de volta para casa". O compromisso com a "vietnamização" fora assumido e iria começar a longa batalha pela paz, com os norte-americanos em nítida desvantagem, como haviam planejado os comunistas. A guerra, porém, ainda continuaria sangrenta e cruel por muitos anos.

ENVOLVIMENTO MILITAR AMERICANO NO VIETNÃ DO SUL

1965 - 1968

	1965	1966	1967	1968
Pessoal militar	184.300	385.300	485.600	536.100
Mortos em ação	1.369	5.008	9.378	14.592
Feridos em ação	6.114	30.093	62.025	92.820

Fonte: Encyclopédia Guerra na Paz

Figura 6-1

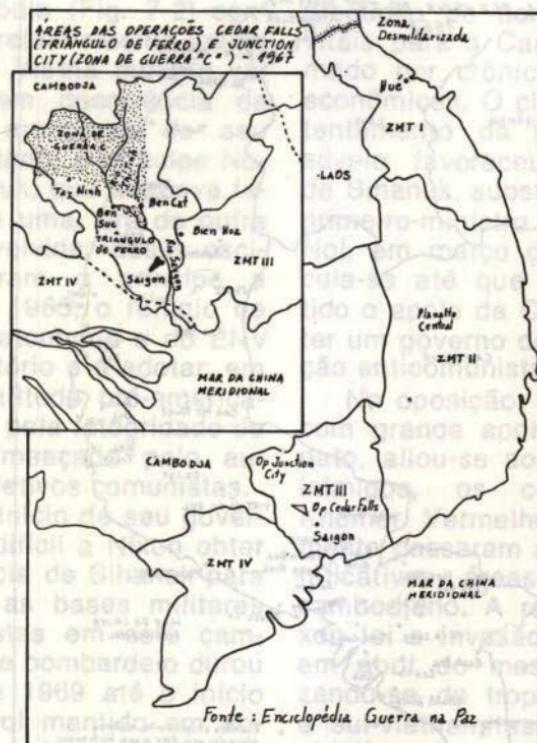


Figura 6-2

O envolvimento dos EUA no Sudeste Asiático



Figura 6-3

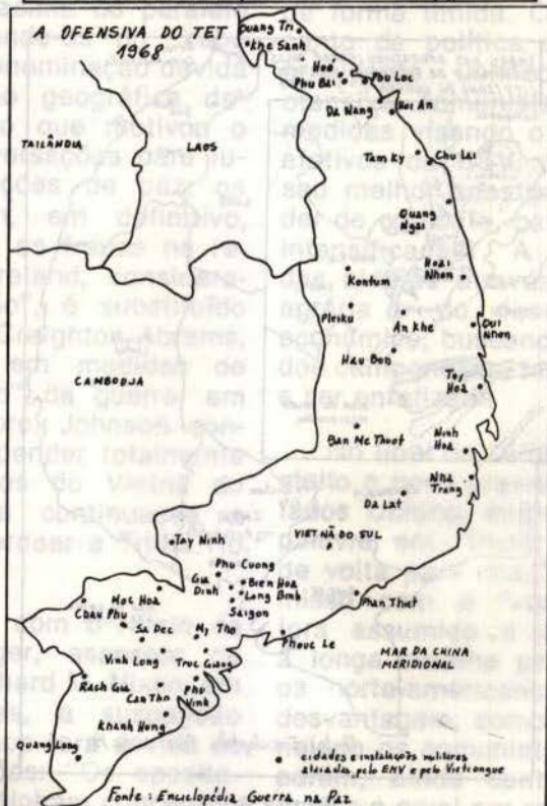


Figura 6-4

A GUERRA DO VIETNÃ: GOVERNO NIXON (1969-1972)

Richard M. Nixon assumiu o governo americano com a herança das conversações de paz e da desamericanização da guerra. Em julho de 1969 anunciou a primeira retirada de tropas, cumprindo suas promessas eleitorais e, com efeito, a partir de então os efetivos americanos passaram a ser sensivelmente diminuídos (Fig. 7-1). Entretanto, por paradoxal que possa parecer, expandiu o conflito para o Cambodja, num dos polêmicos episódios da guerra.

O Cambodja (Fig. 7-2) conseguiu ficar relativamente imune à Guerra do Vietnã durante vários anos, em decorrência de habilidosas manobras de seu chefe de Estado, o príncipe Norodom Sihanuk, que aceitava favores ora de uma, ora de outra potência envolvida. Essas oscilações levaram o príncipe a permitir, em 1965, o refúgio de forças do Vietcongue e do ENV em seu território e a adotar, em 1967, uma atitude pró-americana, temendo pela integridade de seu país, ameaçado pelo aumento dos efetivos comunistas.

Logo no início de seu governo, não foi difícil a Nixon obter a concordância de Sihanuk para bombardear as bases militares dos comunistas em solo cambodiano. Esse bombardeio durou de março de 1969 até o início de 1970 e foi mantido em absoluto sigilo, pelo temor de uma onda de protestos, face o Cam-

bodja ser teoricamente um país neutro.

Henry Kissinger, assessor de Segurança Nacional do governo Nixon, justifica assim o bombardeio do Cambodja: "Bombardear tais bases, de onde os cambojanos haviam sido expulsos pelos norte-vietnamitas para que estes pudessem mais eficazmente matar os americanos, era um ato mínimo de defesa, inteiramente compatível com o Direito Internacional".¹

Apesar das milhares missões de vôo dos aviões B-52, o bombardeio não alcançou resultados militares de expressão, mas comprometeu seriamente a produção de borracha e arroz, vitais para o Cambodja, já vitimado por crônicas dificuldades econômicas. O clima de descontentamento da população que adveio favoreceu a derrubada de Sihanuk, substituído pelo seu primeiro-ministro marechal Lon Nol, em março de 1970. Especula-se até que o golpe tenha tido o apoio da CIA, visando obter um governo de maior convicção anticomunista para o país.

Na oposição, Sihanuk, ainda com grande apoio do campesinato, aliou-se aos seus antigos inimigos, os comunistas do Khmer Vermelho, que rapidamente passaram a controlar significativas áreas do território cambodiano. A resposta de Nixon foi a invasão do Cambodja em abril do mesmo ano, utilizando-se de tropas americanas e sul-vietnamitas, com o duplo objetivo de apoiar Lon Nol e destruir o QG norte-vietnamita

para todas as operações no sul (o chamado Escritório Central para o Vietnã do Sul-ECVS), supostamente instalado no Cambodja, com a finalidade de desencadear uma grande ofensiva no Vietnã do Sul. Mais uma vez as operações foram mantidas sob imenso sigilo.

Ainda é Kissinger quem apresenta as razões da decisão de Nixon: "Não cabia pôr em dúvida que uma conquista sem resistência do Cambodja por Hanói teria sido a última pá de cal nas chances do Vietnã do Sul. No momento em que os EUA, seu principal aliado, retiravam de combate em ritmo cada vez mais acelerado seus soldados e reduziam seu apoio aéreo, Saigon viu-se na situação de ter que enfrentar um inimigo que estava aumentando seus esforços muito acima dos índices do ano anterior. Se, a essa altura, o Cambodja caísse em mãos dos norte-vietnamitas, a catástrofe seria inevitável".¹

A invasão deu-se em duas áreas da fronteira com o Vietnã do Sul denominadas Bico de Papagaio e Anzol (Fig. 7-3). A primeira, que avançava no território sul-vietnamita até uma distância de 50km de Saigon, abrigava grandes efetivos do ENV, ameaçando a própria capital e o delta do rio Mekong, região estratégica do Vietnã do Sul. Já a área conhecida pelo codinome de Anzol, mais ao norte, era onde se encontrava a 7ª Divisão do ENV, bem como onde possivelmente estaria instalado o

ECVS, que acabou não sendo encontrado.

Os dividendos militares da ofensiva, que durou até julho, não foram de monta, apesar da grande quantidade de suprimentos apreendida. Os comunistas retraíram para fora da faixa de 32km, autorizada para penetração pelo governo americano, sem grandes baixas. Por outro lado, politicamente a operação foi um estrondoso desastre, já que tão logo tornou-se pública ocasionou violentos protestos que sacudiram os EUA. Universidades entraram em greve (havendo inclusive choques entre universitários e a Guarda Nacional), a própria Casa Branca foi cercada por manifestantes e o golpe final veio do Congresso, que revogou a Resolução do Golfo de Tonquim, cassando os plenos poderes do presidente na condução da guerra. A partir daí, qualquer operação terrestre, fora do Vietnã do Sul, necessitaria da autorização do Congresso, o que veio apressar as medidas de vietnamização da guerra.

É importante agora abordar o colapso moral por que passavam as tropas americanas nesse período, em decorrência da convulsão interna nos Estados Unidos. A partir da Ofensiva do Tet, de grande efeito psicológico, o moral dos soldados americanos, já desgastada pelos movimentos pacifistas nos EUA, entrara em nítido declínio. O primeiro sintoma que se tornou mundialmente conhecido, através de ampla divulgação da imprensa, foi o chamado massacre de My

Lai, ocorrido em março de 1968, no norte do Vietnã do Sul, onde soldados americanos mataram centenas de civis, incluindo mulheres, crianças e velhos.

Além dos crimes de guerra, aumentaram também a partir de 1968, as taxas de deserção, o consumo de drogas, os conflitos raciais e a animosidade.

Após a operação no Camboja, outra frustrada intervenção de Nixon foi no Laos, no início de 1971, dessa vez apenas com tropas do ESV, apoiadas por aviação e artilharia dos EUA, já que o Congresso vetou o emprego de tropas terrestres americanas além das fronteiras do Vietnã do Sul. A operação, denominada Lam Son 719 (homenagem dos vietnamitas à vitória sobre os chineses, em uma batalha do século XV), tinha como objetivo a Trilha Ho Chi Minh, que deveria ser bloqueada ao mesmo tempo em que se destruía a infra-estrutura logística da chamada área-base 604 dos comunistas, localizada a apenas 22km da fronteira com o Vietnã do Sul (Fig. 7-3).

A Lam Son 719 aparentemente foi um sucesso, tendo a área-base 604 sido tomada através do maior ataque por helicópteros de toda a guerra (após fracassarem avanços com blindados), mas a retirada revelou-se um desastre, com a contra-ofensiva norte-vietnamita levando ao pânico soldados do ESV, que sofreu sérias baixas. Após cerca de dois meses de lutas, no final de março os combatentes sul-vietnamitas já es-

tavam de volta a seu território, demonstrando ainda incipiente preparo nesse primeiro teste efetivo de vietnamização da guerra, em que pese supostamente terem impedido uma grande ofensiva comunista que estaria prevista para aquele ano. De qualquer maneira, para se ter uma idéia do conflito de opiniões sobre os resultados da operação, basta dizer que o presidente Thieu considerou-a vitoriosa, enquanto seu vice-presidente e homem forte do governo de Saigon, marechal Nguyen Cao Ky, classificou-a como um fracasso.

Além das operações no Camboja e no Laos, prosseguiram no governo Nixon as incursões americanas a redutos comunistas em solo sul-vietnamita (Fig. 7-3). Em 1969, foram realizadas três devastadoras ações: nas províncias de Quang Ngai e Quang Nam (ambas no norte do país) e no delta do Mekong. Entretanto, no mesmo ano um combate de grandes proporções no vale de A Shau (próximo a Hué) causou grande comoção nos Estados Unidos, pelo grande número de baixas americanas, e desde então foi suspensa a participação ativa do Exército norte-americano no combate às forças comunistas de expressão. Na realidade, a partir de fins daquele ano os comunistas também reduziram suas operações bélicas, talvez em razão da morte de Ho Chi Minh em setembro. E, consequência, nos anos de 1970 e 1971 os combates no Vietnã do Sul diminuíram

de maneira extraordinária, ensejando o apressamento da vietnamização da guerra, com o ESV respondendo pelas poucas operações terrestres realizadas (Fig. 7-4).

Quanto à pacificação das aldeias (eliminação dos vietcongues, realização de eleições e reforma agrária), cujo programa fora reestimulado no final do governo Johnson, prosseguiu com nítidos progressos. As excessivas perdas dos comunistas na Ofensiva do Tet facilitaram, sobremaneira, a retomada do controle das aldeias pelos aliados, e em 1971 estimava-se que menos de 5% da população sul-vietnamita estava sob controle comunista. No entanto, convém citar que o presidente Thieu, devido à desconfiança de seu governo com relação aos campões, continuava sem apoio nas áreas rurais.

De grande relevância no programa de pacificação foi a criação do CORDS (Apoio a Operações Civis e Desenvolvimento Revolucionário) ainda em maio de 1967, englobando militares, pessoal da CIA e de outras organizações civis. Um de seus importantes instrumentos foi o programa Fênix, executado pelo governo sul-vietnamita e que se destinava a localizar agentes logísticos e quadros políticos do Vietcongue. Os comunistas foram bastante enfraquecidos, mas os métodos empregados foram violentos: estima-se que entre janeiro de 1968 e fevereiro de 1972 quase 25.000 suspeitos foram mortos,

computando-se aí simples opositores políticos de Thieu.

No início da década de 70, China já aparecia no cenário mundial como uma grande potência, após romper sua aliança com a URSS. As relações entre os dois países já estavam ruins desde fins de década de 50 (em 1960 Moscou suspendeu a ajuda econômica à China), mas só se deterioraram de vez em 1969, por ocasião dos sérios combates entre regimentos dos dois países em área fronteiriça com grande número de baixas. Uma das principais causas da ruptura foi a negativa da URSS em cumprir um acordo secreto de 1957, pelo qual se comprometia em dar ajuda à China, no desenvolvimento de seu poderio nuclear. A preocupação da URSS com a beligerância chinesa foi em vão, já que em 1967 a China realizou seu primeiro teste nuclear.

O desabamento do "bloco monolítico socialista" e o fim da predominância bipolar USA X URSS propiciaram uma excelente ocasião política para Nixon tentar a reaproximação com a União Soviética e a China. Viajava-se a détente ("co-existência pacífica" que havia substituído a guerra fria por volta de 1962) e Nixon intensificou as conversações diplomáticas, tendo como um de seus objetivos a redução do fornecimento de suprimentos dessas duas potências aos norte-vietnamitas. Isso efetivamente ocorreu quanto à China (visitada por Nixon em fevereiro de 1972), mas com a URSS os es-

forços dos EUA foram em vão e a ajuda russa aos norte-vietnamitas foi sempre decisiva.

Sobre o apoio das duas grandes potências comunistas aos norte-vietnamitas, é bastante elucidativo o comentário do professor americano Lewis A. Tambs, estudioso de geopolítica: "A Indochina era a chave do cerco dos soviéticos (à China). Ajudados pela expansão de seu poderio naval, os soviéticos forneceram as armas mais modernas aos norte-vietnamitas. O apoio chinês ao Vietnã do Norte foi mínimo e principalmente com finalidades de propaganda, para salvar o prestígio da China junto ao Terceiro Mundo. A RPC temia ver um satélite soviético em sua fronteira meridional, área de suserania tradicional dos chineses. Quando o presidente Richard Nixon exerceu a opção chinesa, em 1971, seu emissário, o general Haig, foi informado pelo presidente Mao Tsé-tung de que a RPC não queria que os EUA perdessem a Indochina...".⁸

No início de 1972, aproveitando-se dos feriados da Páscoa, Giap desencadeou a segunda grande ofensiva comunista, com o ENV equipado com toda sorte de armamentos soviéticos, incluindo carros de combate, canhões e mísseis em grande número.

A ofensiva do ENV teve início em 30 de março de 1972 e consistiu de ataques simultâneos a quatro áreas do território sul-vietnamita: ao norte Hué, no planalto central Kontum, ao

sul a rota 13 (nas proximidades de Saigon) e o delta do Mekong (Fig. 7-5). A grande diversificação dos ataques para muitos representou um erro fatal no planejamento de Giap, que não dispunha de efetivos suficientes para operação de tal envergadura.

Embora mais uma vez os americanos tenham sido surpreendidos pela ofensiva, já que a esperavam para fevereiro (suspenreram o estado de alerta em 2 de março), conseguiram neutralizá-la com sucesso, após alguns meses de intensas lutas, tendo sido mortos cerca de 100.000 soldados norte-vietnamitas. Dessa vez o ESV revelou-se mais preparado (após episódios de pânico e desespero no início avassalador da ofensiva), registrando feitos heróicos na defesa da cidade de An Loc, na rota 13, onde os combates foram particularmente sangrentos. Esse fato foi de grande significado para o fortalecimento moral do ESV, contudo o poder aéreo norte-americano continuava indispensável.

Um dos principais fatores do êxito americano, na neutralização da Ofensiva da Páscoa, foi a Operação Linebacker, que consistiu justamente no bombardeio aéreo das rotas de suprimento norte-vietnamitas (Fig. 7-6). Inicialmente limitados a áreas próximas à Zona Desmilitarizada, em maio os bombardeios passaram a ser efetuados em quase todo o Vietnã do Norte, excetuando-se pequena faixa na fronteira chinesa, portanto

mais abrangentes que os de Johnson. Inúmeras pontes, estoques de suprimentos, silos de mísseis, indústrias e outros setores vitais para o apoio à ofensiva no Vietnã do Sul foram destruídos. Somente a partir de 23 de outubro, Nixon limitou as missões aéreas abaixo do paralelo 20, em decorrência de progressos nas negociações de paz.

Além do bombardeio aéreo, Nixon determinou ainda a colocação de minas nos portos de Haiphong, Cam Pha, Hon Gai, Thanh Hoa, Vinh, Quang Khe e Dong Hoi, com o intuito de impedir a chegada de suprimentos soviéticos pelo mar (Fig. 7-6). A polêmica medida foi anunciada pelo próprio Nixon em cadeia nacional de TV, no dia 8 de maio de 1972, quando a ofensiva comunista parecia alcançar ampla vitória, com a tomada de Quang Tri e forte pressão em Hué, Kontum e An Loc.

Apesar de muitos a considerarem temerária, a decisão de minar os portos norte-vietnamitas revestiu-se de pleno sucesso, já que não provocou confronto com os soviéticos, que estavam mais interessados em cultivar a política da *détente*. No mesmo mês, Nixon esteve em Moscou, onde assinou com o premier Leonid Brejnev (que havia sucedido Krushchev em 1964) os acordos SALT, sobre limitação de armas estratégicas.

As firmes decisões de Nixon, determinando invasões dos "santuários" comunistas no Camboja, bombardeios do Vietnã

do Norte e colocação de minas em Haiphong e outros portos norte-vietnamitas, mostraram-se eficientes na diminuição do poder militar dos comunistas, mas talvez tenham vindo tarde demais, quando grande parte das tropas americanas já havia retornado à América. O maciço apoio soviético e a férrea determinação dos norte-vietnamitas de conquistar o Vietnã do Sul e reunificar o país já mostravam que o governo de Saigon não conseguiria se sustentar por muito tempo, após a retirada total dos americanos.

As negociações de paz iniciadas na cidade de Paris, em janeiro de 1969, com representantes dos EUA, Vietnã do Sul, Vietnã do Norte e FLN, mostraram-se totalmente improdutivas até 1972. Em outubro desse ano finalmente foram alinhavados os primeiros acordos, tendo como artífices principais Henry Kissinger e Le Duc Tho, membro do Politburo de Hanói. Essas negociações previam a retirada dos norte-americanos, permanência das forças do ENV (cerca de 150.000 homens) no Vietnã do Sul, onde se encontravam desde a Ofensiva da Páscoa, e manutenção do Vietnã dividido até a realização de eleições gerais. Como se pode ver, o acordo era amplamente favorável aos comunistas, sendo mais tarde acusado de simples "intervalo decente" entre a retirada dos EUA e a queda de Saigon.

Temendo pela permanência das tropas do ENV em seu território, o presidente sul-vietnam-

ta Nguyen Van Thieu relutou em aceitar os acordos propostos pelos EUA e Vietnã do Norte, só o fazendo depois de pressões dos norte-americanos, em janeiro de 1973. Nesse intervalo ainda houve divergências com o Vietnã do Norte, o que levou Nixon a determinar a Operação Linebacker II de intenso bombardeio do território norte-vietnamita, que ocorreu no período de 18 a 30 de dezembro, embo-

ra os acordos finalmente assinados não diferissem substancialmente dos acertados em outubro.

Richard Nixon cumpriu suas promessas eleitorais e conseguiu a reeleição para o mandato seguinte, mas os acordos assinados com o Vietnã do Norte, em 23 de janeiro de 1973, ainda são considerados como uma verdadeira traição ao governo sul-vietnamita.

ENVOLVIMENTO MILITAR AMERICANO NO VIETNÃ DO SUL

1968 - 1971

	1968	1969	1970	1971
Pessoal militar	536.100	475.200	334.600	156.800
Mortos em ação	14.592	9.414	4.221	1.380
Feridos em ação	92.820	70.216	30.643	8.936

Fonte: Enciclopédia Guerra na Paz

Figura 7-1



CAMBODJA (181.035km²)

O relevo do país consiste de uma bacia sedimentar, ocupada pelo Lago Tonle Sap e drenada pelo Rio Mekong, cercada de um relevo moderado, onde se destacam as montanhas Cardomom. A essência das exportações é composta do arroz, cultivado sobretudo na região de Battambang, e da borracha, extraída dos seringais de leste. A única cidade importante é Phnom Penh (capital), mas convém ainda citar Kampong Cham, Battambang, o porto de Kampong Som e a antiga capital real de Angkor (arrasada pelos tais no século XV). A maioria da população é constituída de khmers, com origem hindu no século I. A religião dominante é o budismo.

Figura 7-2



Figura 7-3

CONTINGENTES DO ESV 1964 – 1971

	1964	1967	1969	1971
Regular	250.000	343.000	493.000	516.000
Regional	96.000	151.000	190.000	284.000
Popular	168.000	149.000	214.000	248.000
Total	514.000	643.000	897.000	1.048.000

Fonte: Enciclopédia Guerra na Paz

Figura 7-4

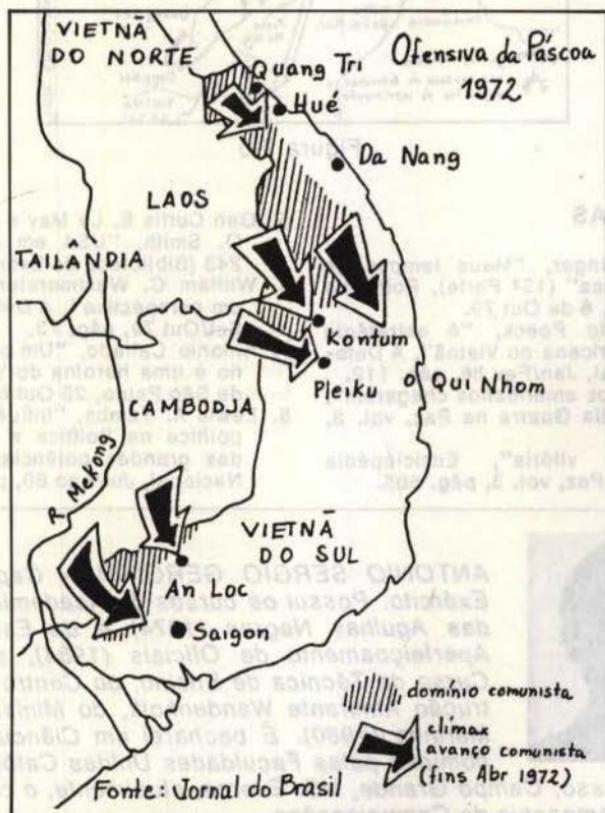


Figura 7-5

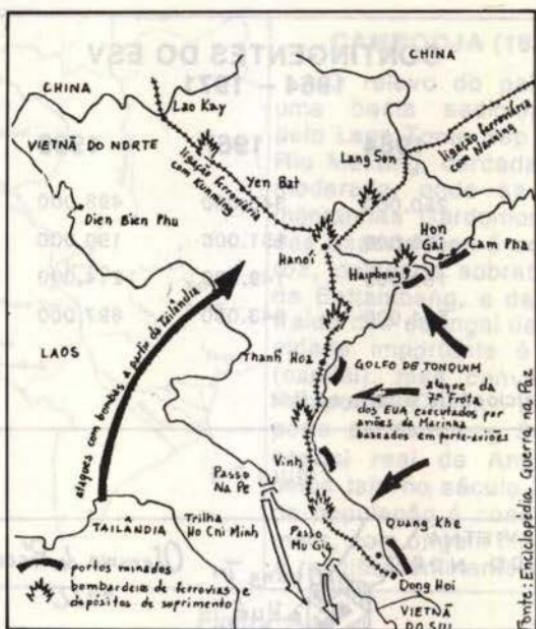


Figura 7-6

REFERÊNCIAS

1. Henry Kissinger, "Meus tempos na Casa Branca" (13ª Parte), Folha de São Paulo, 6 de Out 79.
2. João Alfredo Poeck, "A estratégia norte-americana no Vietnã", A Defesa Nacional, Jan/Fev 86, pág. 112.
3. "Vietnã: e os americanos chegaram", Encyclopédia Guerra na Paz, vol. 3, pág. 526.
4. "Rota da vitória", Encyclopédia Guerra na Paz, vol. 3, pág. 685.
5. Gen Curtis E. Le May e Maj Gen Dale O. Smith, "USA em perigo", pág. 243 (Biblioteca do Exército).
6. William C. Westmoreland, "O Vietnã em perspectiva", A Defesa Nacional, Set/Out 79, pág. 73.
7. Antonio Callado, "Um piloto americano e uma heroína do Vietnã", Folha de São Paulo, 20 Out 68.
8. Lewis A. Tambs, "Influência da Geopolítica na Política e na Estratégia das grandes potências", A Defesa Nacional, Jul/Ago 80, pág. 150.



ANTONIO SERGIO GEROMEL – Capitão do Exército. Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras (1974) e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1984), além do Curso de Técnica de Ensino, do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, do Ministério da Marinha (1980). É bacharel em Ciências Econômicas pelas Faculdades Unidas Católicas de

Mato Grosso, Campo Grande, MS. Exerce, atualmente, o comando da 14ª Companhia de Comunicações.